

5

SOBRE A SEPARAÇÃO DAS SUBSTÂNCIAS ARISTOTÉLICAS: UM PANORAMA OPINATIVO¹²

Wolfgang Sattler

INTRODUÇÃO

(1) Em várias passagens, Aristóteles caracteriza as substâncias, o tipo fundamental de entidades em sua ontologia, como sendo *separadas*, ao passo que seus atributos accidentais não são delas separados. Exemplos paradigmáticos de substâncias *sensíveis* são os organismos biológicos particulares, por exemplo, um cavalo particular. Aristóteles, às vezes, concebe as substâncias sensíveis como entidades simples e, às vezes, como compostos de alguma matéria e de uma forma substancial. *Grosso modo*, a matéria de uma substância composta é o substrato material que a constitui e que subjaz à forma. A matéria próxima de um cavalo, por exemplo, inclui seus ossos e seu sangue. A forma é a maneira na qual a matéria é organizada em um todo único. Ela, principalmente, determina o comportamento da substância composta e *o que* a substância composta é, por exemplo, um cavalo. Aristóteles identifica a matéria dos organismos biológicos com seus corpos e suas formas com suas almas, concebidas como capacidades para certas funções biológicas básicas. Todos os três, o composto, a matéria e a forma, são ditos serem substâncias; a forma é ainda dita ser substância no sentido primeiro.³ Surge, assim, a questão de saber se cada um deles, sendo uma substância, é também separado. Como ficará claro, a resposta para essa questão não é evidente. Ademais, Aristóteles reconhece, além das formas das substâncias sensíveis, certas substâncias *não sensíveis*. Ele argumenta em particular pela existência de um princípio cosmológico de movimento, um *motor imóvel*, e o caracteriza como sendo separado. Ao mesmo tempo, ele critica a concepção de Platão das Formas não sensíveis, sobretudo porque, na visão de

¹Esse trabalho contou com apoio de bolsa de pós-doutorado/CAPES.

²Traduzido do inglês por Renan Eduardo Stoll.

³Cf., por exemplo, *Metafísica* 8.1 1042a24-32 e 12.3 1070a9-13, e *De Anima* 2.1 412a6-9.

Aristóteles, elas são concebidas como sendo separadas.⁴ Portanto, a noção de separação é claramente muito relevante para uma compreensão adequada da concepção de substância de Aristóteles e de sua crítica às Formas platônicas. Infelizmente, também é muito controverso como entender essa noção.⁵

O propósito deste capítulo é esclarecer os papéis teóricos e aspectos da noção de separação e os consideráveis problemas interpretativos que a cercam. Isso deve fornecer uma melhor compreensão da controvérsia sobre essa noção, bem como um conjunto de critérios para a avaliação de uma dada interpretação de separação. Não argumento, aqui, em favor de uma interpretação em particular da noção de separação ou de uma leitura definida das evidências textuais.

Começo com algumas observações filológicas e um panorama dos diferentes tipos de separação que figuram nas obras de Aristóteles, dos quais a separação de interesse aqui – às vezes, chamo-a de “separação da substância” – é apenas uma. Em seguida, destaco várias passagens nas quais é claro ou plausível que Aristóteles esteja falando da separação como uma característica das substâncias e, assim, da separação da substância. Isso serve para esclarecer os papéis teóricos da noção de separação e para identificar várias outras noções que parecem estar associadas a ela *de alguma maneira*, tal como as noções de ser um sujeito último e de prioridade natural. Depois, abordo as questões de se a forma e a matéria de uma substância sensível são separadas e identifico um sério problema interpretativo, a saber, que há *prima facie* boa evidência textual para motivar três suposições conjuntamente incompatíveis concernentes à separação das formas substanciais. Na parte final deste capítulo, sugiro duas maneiras de classificar as diferentes interpretações encontradas na literatura, uma que diz respeito à abordagem metodológica principal, outra que diz respeito a quantos tipos de separação da substância são distinguidos.

CHŌRISTON E DIFERENTES TIPOS DE SEPARAÇÃO

(2) Aristóteles usa a expressão grega *chōriston* e seus cognatos, tal como o advérbio *chōris* e formas do verbo *chōrizein* para falar sobre a separação da substância.⁶ O adjetivo verbal *chōriston* pode significar tanto “separado” quanto “separável” e as opiniões

⁴Escrevo “Formas” em vez de “formas” quando falo de Formas platônicas.

⁵Ver a última parte deste capítulo para um panorama das diferentes visões defendidas na literatura.

⁶Cf., por exemplo, *Metafísica* 7.1 1028a23-24 e 13.10 1086b16-19 para usos de formas de *chōrizein*, e 3.1 995b31-34 para o uso de *chōris*.

diferem sobre como essa expressão deve ser traduzida.⁷ Eu prefiro traduzi-la por “separado”. Às vezes, essas expressões são também traduzidas em termos de “existir à parte” ou “existir de modo independente”, ou expressões semelhantes.⁸ Além disso, tem-se tornado cada vez mais comum falar da separação da substância também em termos de *independência ontológica*.⁹

Aristóteles, às vezes, especifica certos sentidos de separação que não dizem respeito, pelo menos não obviamente, à separação da substância. Algumas coisas são ditas serem *separadas quanto ao enunciado*, a saber, aquelas que podem ser definidas sem concebê-las como atributos de um sujeito com uma natureza distinta da natureza da coisa definida. Formas substanciais, por exemplo, são separadas quanto ao enunciado, ao passo que os acidentes claramente não são. Com efeito, um acidente é definível somente no sentido de haver uma definição do que é, para um dado tipo de substância, possuir tal acidente. Por exemplo, não há definição simplesmente do que é ser macho, mas apenas do que é ser um *animal* macho.¹⁰ Algumas coisas são ditas serem separadas em pensamento. De acordo com Aristóteles, o matemático, por exemplo, separa em pensamento as formas geométricas dos objetos sensíveis (por exemplo, superfícies, linhas) desses objetos, na medida em que eles são sujeitos à mudança.¹¹ Aristóteles também fala de separação quanto ao tempo, ao lugar, à magnitude, à capacidade e ao ser.¹² Essas noções de separação são, pelo menos *prima facie*, distintas da noção de separação da substância. Contudo, há interpretações que identificam sobretudo a

⁷Morrison (1985b, p. 92s), por exemplo, argumenta que a expressão *chōriston* deve ser traduzida como “separado”, enquanto Bostock (1994, p. 57s), por exemplo, sustenta que ela significa “separado” em algumas passagens e “separável” em outras. O próprio Aristóteles pode ter cunhado essa expressão como um termo técnico, ver Bostock (1994, p. 57s) e Morrison (1985b, p. 92s).

⁸Cf., por exemplo, a tradução de Ross de *Metafísica* 3.1 995b31-33 e 7.1 1028a33s, *In*: Barnes (1995).

⁹Cf., por exemplo, Fine (1984), que fala de “separação ontológica” como “independência existencial”, Peramatzis (2011), Corkum (2008, 2013) e Katz (2017). Esse desenvolvimento parece se dar, em parte, também devido à influência do debate metafísico contemporâneo sobre a *dependência ontológica*, cf., por exemplo, Kit Fine (1995), Peramatzis (2011, p. 12-14) e Corkum (2013, p. 65, 77f).

¹⁰Cf., por exemplo, *Metafísica* 7.4 e 7.5 e Gill (1989, p. 35s), e também na parte I, “A substância nas *Categorias*”, do capítulo 4 desta coletânea sobre a relação entre substâncias e seus atributos accidentais, os acidentes, nas *Categorias*.

¹¹Cf. *Física* 2.2 193b31-35.

¹²Cf., por exemplo, *Metafísica* 5.6 1016b1-3 (quanto ao tempo, ao lugar), 11.12 1068b26-27 (quanto ao lugar), *De Anima* 3.4 429a10-13 (quanto à magnitude), e *De Somno* 1 454a17-19 (quanto à capacidade, ao ser).

separação quanto ao enunciado com um certo tipo de separação da substância (ver (12) adiante). Quando Aristóteles fala simplesmente de separação, sem outras especificações, é preciso determinar a partir do contexto se ele fala da separação da substância, ou de algum outro tipo de separação.

Ora, dizer que uma coisa é separada implica que ela é separada de algo. Infelizmente, Aristóteles nem sempre é explícito sobre o que é esse algo quando ele fala sobre a separação da substância. As substâncias são separadas de seus acidentes, e os acidentes não são separados de suas substâncias.¹³ Contudo, são as substâncias também separadas umas das outras e é uma substância separada de si mesma? De modo mais geral, é a separação da substância uma relação simétrica? É ela transitiva? É ela reflexiva? Ou não? As respostas a essas perguntas dependem do tipo de interpretação adotada (ver os parágrafos (10) e (11) adiante). É em geral suposto que substâncias sensíveis particulares (concebidas como entidades simples) são separadas tanto umas das outras quanto de seus acidentes.

PAPÉIS TEÓRICOS E ASPECTOS DA NOÇÃO DE SEPARAÇÃO

Separação como uma característica das substâncias e noções associadas

(3) Em várias passagens, Aristóteles caracteriza as substâncias como sendo separadas ou fala da separação como uma característica das substâncias. Em muitas dessas passagens, ele associa a separação a certas outras noções, mesmo que nem sempre fique totalmente claro de que maneira exatamente essa associação deve ser compreendida. Isso é parte das dificuldades interpretativas a respeito da noção de separação. Por exemplo:

(T1) Se, por outro lado, é afirmado que todas as coisas são qualidade ou quantidade, então, quer a substância exista ou não, um absurdo resultará, se, de fato, o impossível pode propriamente ser chamado de absurdo. Com efeito, nenhum dos outros [isto é, os acidentes] é separado [*chōriston*], exceto a substância; pois tudo é predicado da substância como sujeito [*kath' hupokeimenou*]. (*Física* 1.2 185a29-32).¹⁴

¹³No entanto, ver Morrison (1985a, p. 127), que sustenta que as substâncias não são separadas de seus acidentes.

¹⁴As traduções são a partir de Barnes (1995), com alterações minhas.

(T2) Ora, “primeiro” é dito em vários sentidos; mas a substância é primeira em todos os sentidos, quanto ao enunciado, ao conhecimento e ao tempo. Com efeito, das outras categorias [isto é, os acidentes], nenhuma é separada [*chōriston*], mas apenas essa [isto é, a substância]. Quanto ao enunciado ela também é primeira [...]. (*Metafísica* 7.1 1028a31-35).

(T3) Se não supusermos que as substâncias sejam separadas, e do modo pelo qual as coisas particulares [*ta kath' hekasta*] são ditas serem separadas, destruiremos aquele tipo de substância que desejamos manter; mas se concebermos as substâncias como separadas, como devemos conceber seus elementos e seus princípios? (*Metafísica* 13.10 1086b16-20)

É claro, a partir dessas e de várias outras passagens, que a separação é uma característica da substância e que os acidentes, tal como *quente*, *frio* e *dois metros de altura*, não são separados.¹⁵ Além disso, em (T1), os acidentes são ditos não serem separados porque são predicados da substância como seu sujeito. De modo semelhante, em *Metafísica* 14.1 1087b1-2, Aristóteles nota que todos os contrários, tal como quente e frio, são predicados de um sujeito, e nenhum deles é separado. Em *Categorias* 2 1a24-25, ele caracteriza a maneira pela qual os acidentes são predicados das substâncias: Eles estão *em* (*estin en*) (ou *inerem em*) um sujeito e o que está em um sujeito não pode ser ou existir em separado (*chōris*) daquele sujeito. Essas passagens sugerem que as substâncias são separadas porque elas não são predicadas de algum sujeito ou substrato (*hupokeimenon* pode significar ambos). Ademais, em várias outras passagens, Aristóteles parece contrastar ser separado com existir *em*. Por exemplo, em *Metafísica* 13.1 1076a32-35, ele afirma que, se os objetos da matemática existem, então necessariamente eles existem ou *nas* coisas sensíveis (*en tois aisthētois*) ou separadamente delas (*kechōrismena tōn aisthētōn*) e, se eles não existem desses modos, então eles ou não existem de todo ou existem de algum outro modo. Além disso, em *Metafísica* 6.1 1026a14-15, ele fala sobre objetos matemáticos como não sendo separados, mas existindo *na* matéria. Note, porém, que Aristóteles distingue vários sentidos de “estar em”. Por exemplo, em um sentido, a parte é dita estar no todo, em outro sentido, a espécie é dita estar no gênero, etc. (ver *Física* 4.3 210a14-24 para um panorama).¹⁶ É, assim, uma

¹⁵Cf. também, por exemplo, *Metafísica* 7.16 1040b26-30 e 12.5 1070b36-1071a2. Ver *Categorias* 4 e *Tópicos* 1.9 para uma lista das categorias de acidentes (qualidades, quantidades, etc.), além da categoria da substância.

¹⁶Cf. também *Metafísica* 5.23 e Morrison (1985a, p. 134, n. 19) para um panorama das passagens nas quais alguma noção de *estar em* e a noção de separação ocorrem juntas.

questão adicional qual desses sentidos de “estar em” é oposto (ou quais desses sentidos são opostos) ao ser separado.

Além disso, algumas passagens sugerem que Aristóteles associa a noção de separação com as noções de ser uma *entidade em virtude de si mesma* ou por si (*kath' hauto*) e de ser um *este-algo* (*tode ti*). Essas duas noções carecem elas próprias de mais explicação, mas ambas também estão relacionadas à ideia de ser um sujeito. Nos *Segundos Analíticos* 1.4 73b5-10, a substância e o que quer que signifique um este-algo são ditos serem entidades em virtude de si mesmos. A razão dada é que eles são apenas o que eles são, em contraste com ser algo que essencialmente caracteriza outra coisa de natureza distinta, como é o caso dos atributos acidentais. Um atributo acidental caracteriza um sujeito, alguma substância que tem uma natureza distinta daquela do atributo. O acidente é algo e existe apenas no sentido de que seu sujeito existe como o tipo de coisa que é e tem o atributo. Por exemplo, um cavalo é apenas o que ele é, enquanto *andar* é essencialmente um atributo de algum tipo do animal que tem a capacidade de andar. O que significa exatamente ser um este-algo é menos claro e é controverso na literatura. Existe até mesmo certo desacordo sobre como traduzir a expressão *tode ti*. Essa expressão pode ser tomada seguindo o modelo de expressões como “este cavalo”. Ela poderia, então, ser traduzida como “este-algo”, como faço aqui. Ela poderia, também, ser tomada seguindo o modelo de expressões como “um certo cavalo”, e poderia, então, ser traduzida como “um certo isto”. Alguns autores simplesmente traduzem essa expressão como “isto”. A noção de um este-algo é associada tanto às formas substanciais quanto às substâncias sensíveis particulares, em contraste com as substâncias universais.¹⁷ De modo bastante geral, é possível dizer que se trata de ser um indivíduo, ou uma unidade, determinado em um sentido forte e em virtude de si mesmo. Há muito mais a dizer sobre essa noção, o que, no entanto, não posso fazer aqui.¹⁸ Pois bem, em *Metafísica* 11.2 1060a36-b3, Aristóteles levanta a questão de como certas coisas podem ser separadas e ser coisas em virtude de si mesmas (*kath' hautas*) se elas não significam um este-algo (*tode ti*) e uma substância. Em *Metafísica* 7.3 1029a27-30 e 11.2 1060b19-23, ele fala tanto da separação quanto de ser um este-algo como características da substância.¹⁹ E, em *Metafísica* 7.1 1028a20-25, ele questiona se os acidentes, quando considerados por si próprios, são, de fato, reais ou

¹⁷Cf., por exemplo, *Metafísica* 5.8 1017b23-26 e *Categorias* 5 3b10-18.

¹⁸Cf., por exemplo, Corkum (2019) e Gill (1989, p. 31-34) para discussões dessa noção.

¹⁹*Metafísica* 11.2 1060a36-b3 e 1060b19-23 são parte de uma discussão aporética, na qual Aristóteles considera diferentes maneiras, que são elas próprias problemáticas, de lidar com um problema. Portanto, não se deve simplesmente supor que Aristóteles realmente aceita todas as suposições feitas em tais discussões, uma vez que ele tem de rejeitar algumas delas.

seres, visto que não são coisas em virtude de si mesmas nem podem ser separados da substância. Essas passagens sugerem que há alguma conexão entre as noções de separação, de ser uma entidade em virtude de si mesma e de ser um este-algo. Contudo, não é *prima facie* claro como essas noções estão exatamente relacionadas.

Em (T2), Aristóteles diz que a substância é primeira quanto ao tempo, visto que apenas ela é separada, enquanto os acidentes não são separados.²⁰ Portanto, a noção de separação deveria ser concebida de maneira a explicar por que as substâncias são primeiras quanto ao tempo, anteriores a seus acidentes. Infelizmente, é controverso o que significa, aqui, ser primeiro quanto ao tempo. Foi sugerido que se entenda isso literalmente como segue. Uma substância é anterior a qualquer um de seus acidentes quanto ao tempo no sentido de que ela existe, ou poderia existir, já em um tempo anterior à existência do acidente. Em vez disso, alguns sugerem uma leitura metafórica, na qual a primazia quanto ao tempo significa primazia ontológica. Outros apenas notam que não é claro o que significa, aqui, ser primeiro quanto ao tempo. Sugerir, recentemente, uma nova interpretação dessa noção de primazia quanto ao tempo. Argumento que as substâncias são primeiras quanto ao tempo no sentido de que elas, mas não os seus atributos accidentais, são sujeitos apropriados de predicções temporais e estão, *como tais*, localizadas no tempo. Acidentes compartilham da temporalidade apenas na medida em que eles são predicados das substâncias. Por exemplo, Sócrates, como tal, esteve vivo em algum tempo e por algum tempo. Em contraste, a cor vermelha, um acidente, não existe como tal em tempo algum. Ela pode apenas ser dita existir em algum tempo no sentido de que existe pelo menos uma substância vermelha em algum tempo.²¹

(T3) sugere que a separação é uma característica de coisas particulares (*ta kath' hekasta*), a saber, de substâncias particulares.²² Ademais, em *Metafísica* 13.9 1086a32-34, Aristóteles nota que o platônico concebe as Formas como universais e, ao mesmo

²⁰Essa é a maneira direta e tradicional de ler (T2), cf., por exemplo, Wedin (2000, p. 60) e Bostock (1994, p. 57).

²¹Cf. Sattler (2021), Peramatzis (2011, p. 249-253) e Wedin (2000, p. 60-62, em particular n. 110) para discussões e interpretações.

²²A expressão *ta kath' hekasta* pode, também, simplesmente fazer referência ao que é menos geral em contraste com o que é mais geral, tal como a espécie cavalo em contraste com o gênero animal, cf. Harte (2010, p. 110s). Poder-se-ia também pensar em conceber a noção de *ta kath' hekasta* em contraste com o que é um universal dentro do mesmo gênero. Por exemplo, a vermelhidão é uma cor universal, enquanto diferentes tons de vermelhidão V1 e V2 seriam *ta kath' hekasta* no sentido de que eles não são predicáveis de quaisquer cores menos gerais. No entanto, eles seriam predicáveis de várias substâncias e, nessa medida, seriam de uma natureza universal.

tempo, como separadas e particulares.²³ Essas passagens sugerem *prima facie* algum vínculo entre separação e particularidade.

Além disso, a noção de separação é muitas vezes tomada como intimamente ligada à noção aristotélica de prioridade quanto à natureza ou substância:

(T4) Algumas coisas, então, são chamadas de anteriores e de posteriores [*protera kai husterá*] nesse sentido, outras no que diz respeito à natureza e à substância [*kata phusin kai ousian*], isto é, aquelas que podem ser sem [*endechetai einai aneu*] outras coisas, enquanto as outras não podem ser sem elas – uma distinção que Platão usava. Se considerarmos os vários sentidos de “ser”, o sujeito [*to hupokeimenon*] é, em primeiro lugar, anterior (de modo que a substância é anterior); em segundo lugar, conforme se leve em conta a capacidade ou a atualidade, coisas diferentes são anteriores [...]. (*Metafísica* 5.11 1019a1-7).

De acordo com (T4), algum A é anterior a algum B quanto à natureza se, e apenas se, A *pode ser sem* B, mas B *não pode ser sem* A. Na literatura, tem sido argumentado que Aristóteles basicamente quer dizer o mesmo com as expressões “ser sem” (*einai aneu*) e “ser separado de” dentro dos contextos apropriados. Portanto, se A é separado de B, mas B não é separado de A, então A é anterior a B quanto à natureza. Com essa suposição, surge naturalmente a questão sobre em que sentido de “ser” algo pode ser sem outra coisa.²⁴

SUBSTÂNCIAS SEPARADAS NÃO SENSÍVEIS

(4) Uma questão central na investigação de Aristóteles na *Metafísica* é se também existem, além das substâncias sensíveis, substâncias não sensíveis que são separadas e são princípios ontológicos das outras coisas existentes. Em *Metafísica* 6.1, Aristóteles levanta a questão sobre se há, além da matemática e da física, outra filosofia ou ciência teórica anterior a essas, uma filosofia primeira, que trata do que é separado e imóvel ou imutável (*chōrista kai akinēta*). O objeto dessa filosofia primeira seria separado em particular da matéria e das coisas materiais. Sendo imutável, também não poderia ser constituído de alguma matéria, uma vez que a matéria é aquilo em virtude do que um

²³Cf. também *Metafísica* 7.15 1040a8-9.

²⁴Cf., por exemplo, Corkum (2008, p. 68s), Bostock (1994, p. 63s) e Fine (1984, p. 35-38) para algumas discussões e passagens em apoio a essa suposição, e, ainda, Katz (2017, p. 27), Peramatzis (2011, p. 204, 217s, 218, nota 1), Frede e Patzig (1988 II, *ad* 1028a31-b2) e Ross (1924 II, *ad* 1028a32).

objeto tem a potencialidade para mudar em certos aspectos.²⁵ Em *Metafísica* 12.6-8, bem como em *Física* 8, Aristóteles argumenta que há tal entidade, um primeiro princípio eterno da mudança que é em si mesmo imutável e, em última instância, responsável pelos movimentos eternos dos corpos celestes. Esse primeiro motor imóvel é caracterizado como uma atualidade imaterial da razão ou do pensamento (*nous*), e como sendo separado das coisas sensíveis (*kechōrismenē tōn aisthētōn*) e é identificado com o divino ou deus.²⁶

Aristóteles também discute a concepção platônica das Formas como candidatas às substâncias separadas não sensíveis. As Formas platônicas são concebidas, pelo menos de acordo com Aristóteles, como entidades eternas, não sensíveis e imutáveis e como universais e modelos ideais para os tipos correspondentes de coisas particulares sensíveis e mutáveis. Além disso, elas são concebidas como sendo em algum sentido *à parte (para)* dos respectivos particulares sensíveis e como *separadas* deles e de qualquer substrato material. Por exemplo, nessa visão, há uma Forma de cavalo, ou o Cavalo em si, que se presume ser *à parte* e separado dos cavalos *sensíveis* particulares. Os muitos particulares sensíveis, ou seus substratos materiais, são ditos *participarem* nas Formas correspondentes e as Formas são ditas serem suas substâncias, visto que é em virtude dessa participação nas Formas que os particulares sensíveis são o que eles são e podem ser objetos da nossa cognição. Por exemplo, a Forma do cavalo seria supostamente uma causa pela qual os cavalos particulares vêm a existir e existem como cavalos. Um cavalo particular é um cavalo apenas por causa de sua participação na Forma de cavalo. Isso basicamente significa que o cavalo particular tem uma forma derivativa e efêmera de um cavalo porque ele *imita*, de alguma maneira, o modelo da Forma ideal e eterna de cavalo.²⁷ Aristóteles critica a concepção platônica das Formas. Ele argumenta, em particular, que as Formas platônicas não podem desempenhar os papéis ontológicos e epistemológicos que elas deveriam desempenhar segundo o platônico. Elas não podem ser causas do vir a ser ou do ser de quaisquer particulares sensíveis, nem contribuem para nossa cognição deles. De acordo com Aristóteles, a principal razão para esses

²⁵Cf., por exemplo, *Metafísica* 7.15 1039b27-30, 8.2 1042b9-11 e 9.8 1050b22-28.

²⁶Cf. em particular *Metafísica* 12.7, e também *Metafísica* 12.8, onde Aristóteles postula vários motores imóveis, dois quais um é primeiro, para explicar os movimentos dos planetas, do sol e das estrelas. Ver também Waterlow (1982, parte V) sobre o argumento de Aristóteles para um primeiro motor imóvel.

²⁷Cf., por exemplo, *Metafísica* 1.6 987a29-b14, 7.16 1040b26-34, 13.4 1078b9-1079a4, 13.9 1086a31-b13 e o *Timeu*, de Platão, 48e-49b, 50c-52b. Ver também, por exemplo, Fine (1984) para uma discussão da afirmação de Aristóteles de que as Formas platônicas são separadas. Cf. também o capítulo 1, de Anderson Borges, desta coletânea, p. 40s, para uma discussão de Formas platônicas como causas.

problemas com as Formas platônicas é precisamente que as Formas são concebidas como sendo separadas. Sua separação dos particulares sensíveis as 'isola', por assim dizer, das próprias coisas das quais elas deveriam ser substâncias e origens do ser e do vir a ser.²⁸

Aristóteles também discute se os objetos da matemática, tais como números e figuras geométricas, são substâncias separadas não sensíveis e primeiros princípios, como alguns sustentam, e argumenta que eles não podem ser separados.²⁹

MATÉRIA, FORMA E A SUBSTÂNCIA COMPOSTA

O problema da separação das formas aristotélicas

(5) Observei que Aristóteles, às vezes, concebe as substâncias sensíveis particulares como compostos de alguma matéria e de uma forma e que todos os três, o composto, a matéria e a forma, são ditas serem substâncias. Desse modo, surge a questão sobre se todos os três são também separados. A substância composta é obviamente separada. Ela não é uma entidade diferente da substância sensível particular concebida como uma entidade simples, que claramente é separada.³⁰ Na literatura, é uma questão controversa se as formas são ou não separadas. Contudo, algumas passagens *prima facie* sugerem que as formas não são separadas:³¹

(T5) É substância o substrato [*to hupokeimenon*] e isto é, em um sentido, a matéria (e, por matéria, quero dizer aquela que, não sendo um este-algo [*tode ti*] em atualidade, é potencialmente um este-algo) e, em outro sentido, é o enunciado ou a configuração (que, sendo um este-algo, é separada quanto ao enunciado [*ho logos kai hē morphē, ho tode ti on tōi logōi chōriston estin*]); em terceiro lugar, ele é o composto de ambos, que é o único que é gerado e destruído e é separado *simpliciter* [*chōriston haplōs*]; com efeito, das substâncias no sentido do enunciado, algumas são e outras não são [isto é, separadas *simpliciter*]. Porém, claramente a matéria

²⁸Cf., por exemplo, *Metafísica* 1.9, 13.4-13.5 e 13.9 1086a31-b13, e também 7.14-16.

²⁹Cf., por exemplo, *Metafísica* 13.1-13.3, 13.6 e 14.3.

³⁰Alguns estudiosos, como Wedin (2000, p. 134), rejeitam essa identificação.

³¹Peramatzis (2011) e Spellman (1995), por exemplo, sustentam que as formas são separadas no sentido simples e não qualificado de separação da substância; Wedin (2000, p. 173), por exemplo, nega isso; e alguns estudiosos sustentam que as formas são separadas, embora apenas em um certo sentido de separação da substância, ver (12) a seguir.

também é substância; pois em todas as mudanças opostas que ocorrem há algo que subjaz às mudanças [...]. (*Metafísica* 8.1 1042a26-34).

e

(T6) Assim, em uma segunda concepção da natureza, ela seria a configuração ou a forma [*hē morphē kai to eidos*] (não separada, exceto quanto ao enunciado [*ou chōriston on all' ē kata ton logon*]) das coisas que têm em si mesmas um princípio de movimento. (*Física* 2.1 193b3-5).

(T5) declara que a substância composta é separada *simpliciter*, o que aqui significa plausivelmente que ela é separada no sentido da separação da substância. Em contraste, o enunciado (*logos*) ou a configuração (ambas as noções são, para Aristóteles, intimamente associadas às formas) é apenas dita ser separada quanto ao enunciado. (T6) diz que as formas são separadas apenas quanto ao enunciado, mas que não são separadas no sentido simples. Isso sugere, *prima facie*, que elas não são separadas no sentido da separação da substância. Contudo, considere também esta passagem:

(T7) Segue-se, então, que “substância” tem dois sentidos, o substrato último, que não é mais predicado de qualquer outra coisa, e aquilo que, sendo um este-algo, seria separado [*kai ho an tode ti on kai chōriston ē*] – e dessa natureza é a configuração ou a forma [*hē morphē kai to eidos*] de cada coisa. (*Metafísica* 5.8 1017b23-26)

(T7) *prima facie* sugere que as formas são separadas no sentido simples e não apenas quanto ao enunciado. Contudo, a menção à separação em (T7) pode também ser compreendida como sendo sobre separação quanto ao enunciado. Isso apenas não é declarado explicitamente aqui, uma vez que fica claro a partir do contexto. É sugestivo, aqui, um paralelo entre (T5) e (T7), a saber, que em ambos os casos Aristóteles nota que a forma, sendo um este-algo, é separada. Visto que (T5) associa ser um este-algo a ser separado quanto ao enunciado, pode muito bem ser o caso que a menção à separação em (T7) se refira, também, à separação quanto ao enunciado.³²

(6) Notei que Aristóteles identifica a forma de um ser vivo com sua alma e sua matéria com seu corpo. Uma razão adicional, então, para supor que as formas não são

³²Wedin (2000, p. 211-215), Kirwan (1993, p. 149) e Ross (1924, *ad* 1017b25), por exemplo, argumentam que a menção à separação, aqui, não faz referência à separação da substância, ao passo que Katz (2017, p. 42-52), por exemplo, argumenta que ela faz.

separadas, é a de que as almas dos organismos biológicos não são, em geral, separadas. No *De Anima*, Aristóteles concebe a alma como um princípio de vida, onde as formas de vida são, em particular, crescimento e reprodução, percepção e raciocínio. Dependendo do tipo de organismo, uma alma compreende diferentes capacidades. Enquanto as plantas têm apenas a capacidade de crescimento e reprodução, os animais têm também a capacidade de percepção e os seres humanos têm, adicionalmente, razão. Em sua discussão, Aristóteles repetidamente levanta a questão sobre se a alma de um organismo, ou pelo menos alguma de suas capacidades definidoras, é separada – a saber, do corpo – e argumenta que, em geral, as partes da alma não são separadas – a saber, das partes correspondentes do corpo orgânico.

(T8) A partir disso, fica claro que a alma não é separada do corpo [*ouk estin hē psuchē chōristē tou sōmatos*] ou, de qualquer modo, que certas partes dela não são, se ela tiver partes. Com efeito, a atualidade de algumas delas é a atualidade das próprias partes. No entanto, algumas podem ser [separadas] porque elas não são as atualidades de nenhum corpo. (*De Anima* 2.1 413a4-7).

Por exemplo, a capacidade de ver não é separada da pupila do olho. Ela é a forma do olho (no sentido de uma capacidade e função) e tem a pupila como seu substrato material. Apenas parte da capacidade intelectual dos seres humanos, a saber, um tipo ativo de razão (*nous*), que está essencialmente em atualidade, é dita ser separada ou separável (*chōristos*).³³ Ora, quando Aristóteles fala da separação da alma do corpo, é bem possível que ele tenha em mente a separação da substância. A alma não é separada do corpo, pelo menos na maior parte, porque ela tem o corpo como um substrato subjacente, tal como a forma em geral tem alguma matéria como seu substrato. Isso é semelhante ao caso dos acidentes, que não são separados de suas substâncias, pois eles as têm como seus sujeitos subjacentes, embora também haja, claramente, diferenças importantes entre esses casos. Ademais, uma parte da alma humana, a saber, o tipo de razão que existe em atualidade, é dita ser separada.³⁴ Isso é semelhante ao caso do motor imóvel, que é caracterizado como uma atualidade da razão e é dito ser separado. Visto que este último é separado no sentido da separação da substância, é plausível supor que também a razão ativa humana é separada nesse sentido e, em consequência, que as outras partes da alma não são separadas nesse sentido. Esse ponto de vista

³³Cf., por exemplo, *De Anima* 2.1 e 2 e 3.5.

³⁴É uma questão controversa saber se essa razão ativa é parte da alma humana ou, em vez disso, se ela é divina e, assim, não é, em certo sentido, parte da alma humana. Cf., por exemplo, Miller (2012, p. 314, 320-326).

também é apoiado pela observação de Aristóteles de que, na medida em que há afecções, ou atividades, da alma separadas do corpo, o estudo da alma é de interesse do filósofo primeiro. No entanto, a filosofia primeira trata do que é imutável e separado no sentido da separação da substância, como observado em (4) anteriormente.³⁵

Além disso, Formas platônicas e formas aristotélicas são concorrentes na medida em que devem desempenhar papéis causais iguais ou muito semelhantes.³⁶ Ambas são tomadas por seus defensores como as principais causas do vir a ser e do ser das coisas sensíveis particulares, bem como da cognição dessas coisas. Aristóteles explica como, em sua concepção, as formas podem desempenhar esses papéis. Por exemplo, ele explica como uma forma em um agente pode determinar os tipos de ações que ele pode executar e, dessa maneira, constituir um tipo de causa para o vir a ser de uma coisa. Por exemplo, a forma de um cavalo (do cavalo progenitor) determina a natureza do esperma produzido por ele. O esperma pode atuar, conforme a sua natureza, sobre o fluido menstrual na mãe e, desse modo, criar um novo cavalo. Dessa maneira, a forma do pai é 'transmitida' à prole.³⁷ Ora, Aristóteles sustenta que as Formas platônicas não podem ser causas do vir a ser, nem do ser, nem da cognição das substâncias sensíveis particulares, em particular, porque elas são concebidas como sendo separadas das coisas sensíveis. Visto que os mesmos papéis causais são atribuídos às formas substanciais de Aristóteles, poder-se-ia esperar que elas não fossem separadas das coisas sensíveis, sob pena de serem vulneráveis aos mesmos tipos de objeção que Aristóteles levanta contra o platônico.

(7) Eu disse que há uma séria dificuldade interpretativa concernente à separação das formas. O problema é que diferentes passagens nas obras de Aristóteles, e também certas considerações filosóficas notadas anteriormente, motivam três suposições diferentes, mas conjuntamente incompatíveis. Algumas passagens como (T1) e (T2) motivam a suposição segundo a qual o que quer que seja uma substância (ao menos o que quer que o seja no sentido estrito e primeiro) tem de ser separado:

(A1) Se x é substância (primeira), então x é separado.

³⁵Cf., por exemplo, *De Anima* 1.1 403b12-16, *Metafísica* 6.1 1026a10-17, 12.7 1072b26-30, e também Miller (2012, p. 307).

³⁶Aristóteles também usa formas da mesma expressão *eidos* para falar sobre sua concepção das formas (cf., por exemplo, *Metafísica* 5.8 1017b23-6 e 7.3 1029a5-7) e, às vezes, para falar sobre Formas platônicas, além de usar formas de *idea* (cf., por exemplo, *Metafísica* 1.6 987b7-14, 7.16 1040b27-30, 13.4 1078b9-10 e 13.5 1079b12-14).

³⁷Cf., por exemplo, *Metafísica* 7.7-9 e 8.4.

Outras passagens, tais como (T5), (T6) e (T8), bem como a crítica de Aristóteles à concepção platônica de Formas como entidades separadas, motivam a suposição de que a forma não é separada:

(A2) A forma não é separada.

A terceira suposição é baseada em passagens nas quais Aristóteles declara que a forma é substância, até mesmo substância no sentido primeiro:

(T9) Por forma, quero dizer a essência de cada coisa e a substância primeira. (*Metafísica* 7.7 1032b1-2).

(T10) É também claro que a alma é a substância primeira e que o corpo é matéria e o ser humano ou animal é o composto de ambos tomados universalmente [...]. (*Metafísica* 7.11 1037a5-7).

Além disso, a forma é dita ser uma substância no sentido de que ela é a causa e o princípio do ser da substância composta, tal como a alma no caso das coisas vivas (*Metafísica* 5.8, 7.17). Todas essas passagens sugerem a seguinte suposição:

(A3) A forma é substância (primeira).

Contudo, (A1), (A2) e (A3) são conjuntamente incompatíveis.

- P1. Se a forma é substância (primeira), então a forma é separada. (de A1)
- P2. A forma é substância (primeira). (A3)
- C1. A forma é separada. (P1, P2)
- P3. A forma não é separada. (A2)
- C2. A forma é separada e não é separada. (C1, P3) → *Contradição*

O fato de que diferentes passagens nas obras de Aristóteles dão origem, *prima facie*, a um conjunto inconsistente de suposições constitui um sério problema interpretativo. A menos que se acuse Aristóteles de manter posições inconsistentes, qualquer interpretação plausível de separação tem de explicar como evitar isso. Para tanto, ela precisa rejeitar pelo menos uma das três suposições aqui notadas e explicar de uma maneira diferente as passagens subjacentes. Naturalmente, há estudiosos que chamaram a atenção para tensões na concepção de Aristóteles acerca da separação em

relação às formas,³⁸ mas, ao que parece, esse problema da separação das formas não foi explicitado, até agora, da maneira como faço aqui. No entanto, qualquer interpretação mais abrangente de separação inclui certos aspectos que podem ser claramente interpretados como uma reação implícita a esse problema. Por exemplo, alguns estudiosos argumentam, contra a evidência textual citada, de que as formas são, em geral, separadas, até mesmo acima de tudo, e, assim, rejeitam (A2).³⁹ Alguns estudiosos argumentam que a noção de separação da substância compreende mais de um sentido. As formas são separadas em um desses sentidos, mas não no sentido simples e não qualificado e é por isso que as formas são ditas não serem separadas (isto é, no sentido simples). Esses estudiosos também rejeitam (A2) (ver as interpretações equívocas em (12) adiante). Além disso, alguns estudiosos sustentam que a separação da substância não se aplica, de modo algum, às formas e argumentam basicamente como segue. A expressão “substância” pode ser usada em um sentido monádico (“Sx”) e, então, refere-se a entidades ontologicamente fundamentais, a saber, substâncias como Sócrates. Essas substâncias são caracterizadas como sendo separadas no sentido da separação da substância. Contudo, essa expressão pode também ser usada em um sentido diádico (“Sxy”) e, então, expressa a ideia de que algum x é a substância *de* algum y. Isso não significa, porém, que x é uma substância no sentido monádico. Quando Aristóteles diz que as formas são substâncias (primeiras), ele apenas quer dizer que elas são as substâncias (primeiras) *de* substâncias sensíveis particulares, mas não que elas são substâncias no sentido monádico. Em consequência, não há necessidade de que as formas sejam separadas no sentido da separação da substância.⁴⁰ Esses estudiosos rejeitam (A3).

Matéria e separação

(8) Resta a questão de saber se a matéria é separada. Há *prima facie* razões tanto para afirmá-lo quanto para negá-lo. Por um lado, dado que a matéria é dita ser um tipo de substância e que a separação parece ser uma característica das substâncias, a matéria deveria ser separada. Ademais, várias passagens sugerem que o que é predicado de um sujeito ou tem um substrato subjacente não é separado. Isso sugere que o que não tem

³⁸Cf., por exemplo, Dufour (1999, p. 47-50), Bostock (1995, p. 82s), Morrison (1985a, p. 125s), e Spellman (1995, p. 93-95) para uma discussão da literatura sobre esse ponto.

³⁹Cf., por exemplo, Peramatzis (2011) e Spellman (1995) para essa estratégia.

⁴⁰Cf., por exemplo, Angioni (2012, p. 13-15, 383-392), Loux (2008, p. 260-264) e Wedin (2000, p. 1-5, 173) para essa estratégia.

sujeito ou substrato é separado. A matéria claramente é um tipo de substrato último.⁴¹ Isso é verdade tanto para a ‘matéria próxima’, por exemplo, o corpo de um animal, quanto para os constituintes últimos e básicos das coisas sensíveis. Estes são ou os elementos, como alguns sustentam, ou um certo substrato básico indefinido, como Aristóteles o caracteriza em *Metafísica* 7.3.⁴² Essas são, *prima facie*, boas razões para supor que a matéria é separada. Há também alguns estudiosos que sustentam essa posição, embora não necessariamente pelas razões que eu acabei de oferecer.⁴³ Contudo, há também, *prima facie*, boas razões para negar que a matéria seja separada, e essa é a posição geralmente assumida na literatura. Os estudiosos que defendem essa posição normalmente remetem a *Metafísica* 7.3 1029a27-30 em apoio.⁴⁴ Na passagem em questão, Aristóteles nega que a matéria seja substância (pelo menos no sentido primeiro) e justifica essa afirmação observando que tanto a separação quanto o este-algo parecem pertencer, acima de tudo, à substância. Essa passagem *prima facie* sugere a posição segundo a qual a matéria não é separada. Há, ainda, considerações filosóficas que apoiam essa posição. Se fosse assumido que a matéria é separada, então ela pareceria ser uma substância por si e, nesse caso, não é claro por que ela deveria ser ontologicamente posterior à forma e ao composto, como Aristóteles parece acreditar. Além disso, se fosse também assumido que as formas não são separadas da matéria, então a matéria pareceria até mesmo ser ontologicamente anterior às formas, ao contrário do que Aristóteles sustenta.

Abordagens Interpretativas

(9) Até aqui, tentei esclarecer os diferentes aspectos e papéis teóricos da noção de separação e as dificuldades interpretativas que a cercam. Meu objetivo era fornecer, desse modo, uma melhor compreensão da controvérsia sobre a noção de separação, bem como fornecer critérios para avaliar uma dada interpretação. Uma interpretação plausível tem de explicar em que sentido as substâncias sensíveis e o motor imóvel são separados

⁴¹A matéria é caracterizada, por exemplo em *Metafísica* 9.7 1049a27-36, como um sujeito último do qual a forma, um este-algo (*tode ti*), é predicada. Cf. também, por exemplo, *Metafísica* 7.3 1029a21-25 e 7.13 1038b1-6.

⁴²Cf. Gill (1989, capítulos I e II) para uma discussão desse ponto.

⁴³Por exemplo, Fine (1984, p. 37) sustenta isso explicitamente; Cohen e Reeves (2020, §6) e Dahl (2019, p. 72s, 89s) sustentam isso em certo sentido. E a interpretação de Berti (2012, p. 98s) da separação claramente sugere que ele também sustenta isso.

⁴⁴Cf., por exemplo, Corkum (2013, p. 91), Wedin (2000, p. 213), Bostock (1994, p. 80-83), Frede e Patzig (1988, *ad* 1029a27) e Ross (1924, *ad* 1029a27). Bostock nota duas passagens adicionais em apoio à posição segundo a qual a matéria não é separada.

e os acidentes não são separados; ela tem de explicar, além disso, por que Aristóteles pensava que os platônicos concebiam as Formas como sendo separadas e por que ele pensava que isso constitui um sério problema (mas um problema que sua própria posição pode evitar). Uma tal interpretação deve dar alguma resposta plausível ao problema da separação das formas e também explicar por que a matéria falha, ou por que ela não falha, em ser separada. Além disso, ela deve ser capaz de explicar de que maneiras a noção de separação está associada a várias outras noções, tais como ser um sujeito último, ser um particular, ser uma entidade em virtude de si mesma, ser um este-algo e a noção de prioridade natural. A plausibilidade de uma interpretação da noção de separação depende de quão bem ela aborda todos esses pontos.

No restante deste artigo, sugiro duas maneiras pelas quais as diferentes interpretações da noção de separação presentes na literatura podem ser classificadas. Isso parece ser requerido, uma vez que o debate sobre a noção de separação trouxe à tona uma variedade de posições diferentes desde o artigo seminal de Fine (1984). Ademais, enquanto os estudiosos que discutem a noção de separação normalmente apresentam um breve panorama das diferentes posições, eu proponho princípios de classificação. Um princípio é classificar as interpretações de acordo com sua abordagem metodológica dominante. Com isso, quero dizer que uma interpretação é normalmente construída sobre uma posição, ou sobre algumas poucas posições que são tomadas como centrais e a partir das quais a interpretação procede. Essas posições centrais correspondem, no geral, a um ou mais aspectos da separação que notei acima, por exemplo, que a separação parece vinculada a ser um particular e a não ser predicado de um sujeito. Isso não significa negar que algumas interpretações tentam acomodar todos os diferentes aspectos. Significa apenas que elas consideram alguns aspectos mais centrais do que outros. Por vezes, chamarei a atenção sobre algumas questões que naturalmente surgem para uma dada abordagem interpretativa. Isso serve para mostrar como o panorama aqui apresentado fornece os recursos para avaliar e criticar uma interpretação, mas também serve para ressaltar que pode haver variantes interessantes dentro de uma dada abordagem interpretativa. O segundo princípio de classificação diz respeito à questão sobre se Aristóteles reconhece ou não diferentes tipos de separação da substância.

CLASSIFICAÇÃO POR ABORDAGEM METODOLÓGICA

Abordagem da independência ontológica

(10) Notei que se tornou cada vez mais comum conceber a noção de separação em termos de independência ontológica. Essa concepção é particularmente notável na

abordagem interpretativa mais difundida da noção de separação, que chamo aqui de *abordagem da independência ontológica*. Nessa abordagem, presume-se que uma substância é separada ou *ontologicamente* independente no sentido de que ela é independente em seu *ser*. A questão central nessa abordagem é a que corresponde esse *ser* de uma substância. Alguns argumentam que ele corresponde à existência da substância, outros que ele corresponde à sua essência, e também foi sugerido que ele diz respeito ao *status* de uma substância como um ser. Essas são interpretações muito diferentes entre si, mas que são baseadas na mesma abordagem básica. Essa abordagem se segue naturalmente uma vez que se suponha o vínculo entre as noções de separação e de prioridade natural, ou quanto à natureza, ver (3) anteriormente. Supondo isso, perguntar o que é, para uma substância, ser separada de algo, corresponde à questão acerca do que é, para uma substância, *ser sem* aquela coisa, ou *ser independente* daquela coisa. Assim concebida, a questão agora é saber em que sentido de “ser” podem as substâncias *ser sem* ou *ser independentes* de algo. Além disso, alguns estudiosos que adotam essa abordagem parecem motivados pela seguinte consideração. Que as substâncias particulares sejam separadas, tem algo a ver, ao que parece, com o fato de que elas não são predicadas de um sujeito. Esse fato é proeminente nas *Categorias*, onde as substâncias particulares (concebidas como entidades simples) são ditas serem substâncias primeiras porque elas não são predicadas de qualquer outra coisa, ao passo que todos os outros tipos de entidades (atributos acidentais e essenciais) são delas predicados.⁴⁵ Aristóteles também observa que nenhuma dessas outras entidades pode *ser [eina]* sem as substâncias particulares, uma vez que todas elas são predicadas destas últimas. Que as substâncias particulares possam, por sua vez, *ser sem* as outras coisas é algo que pode ser considerado implícito aqui.⁴⁶ Essa consideração *prima facie* apoia uma interpretação da noção de separação em termos de uma independência no ser de algo, bem como sugere que uma tal interpretação leva em conta o vínculo entre ser separado, ser um particular e ser um sujeito último.

Pois bem, a interpretação que é, como se pode argumentar, a mais influente das baseadas na abordagem da independência ontológica sustenta que, para uma substância, *ser separada*, ou separável, corresponde a ser capaz de existir independentemente de outras coisas.⁴⁷ Chamemos essa alternativa de *interpretação da independência existencial*. A questão é se essa interpretação pode explicar todos os aspectos e os

⁴⁵Cf. a primeira parte do capítulo 4 desta coletânea.

⁴⁶Cf. *Categorias* 5 2a11-14 e 2b4-6. Esse vínculo com as *Categorias* é explicitamente observado, por exemplo, por Corkum (2008, p. 70s), (Gill 1989, p. 36s) e Peramatzis (2011, p. 230).

⁴⁷Os defensores incluem Cohen e Reeves (2020), Miller (2012), Wedin (2000), Fine (1984) e Ross (1924).

papéis teóricos associados à separação. Por exemplo, nessa interpretação, as formas parecem não ser separadas, uma vez que elas não podem existir sem alguma matéria subjacente e apenas como parte de uma substância sensível particular. Uma questão é, então, como podem as formas ainda ser qualificadas como substâncias primeiras? Aqui, como notei no parágrafo (7) anteriormente, alguns estudiosos argumentam que as formas são, na verdade, apenas substâncias *de* substâncias sensíveis particulares, mas não substâncias no sentido monádico, ou simples. Elas então não precisam ser separadas no sentido da separação da substância. Ademais, tem sido argumentado na literatura que essa interpretação não pode explicar a assimetria entre substâncias particulares e seus atributos acidentais.⁴⁸ Na interpretação da independência existencial, um acidente A de uma substância S não é separado de S no sentido em que A não pode existir independentemente de S, ao passo que S pode existir independentemente de A. O problema é que existem contraexemplos óbvios para essa afirmação. Por exemplo, pode ser verdade que Sócrates poderia existir sem a palidez que ele ocorre de ter em um certo dia, mas ele certamente não poderia existir sem o acidente universal *cor*, visto que Sócrates é sempre de alguma cor. Portanto, Sócrates não seria separado da cor, um acidente, mas ele deveria sê-lo. Além disso, a palidez poderia existir independentemente de Sócrates, uma vez que ela poderia existir, digamos, como pertencente a Ajax. Alguns defensores dessa interpretação são bem cientes desse problema. Ross (1924 I, xci-xcii), por exemplo, nota que uma substância claramente não pode existir *sem* quaisquer acidentes. Portanto, dizer que uma substância é separada de seus acidentes deve corresponder a dizer que ela pode existir *à parte* deles. Uma substância não precisa da *suplementação* de seus acidentes para existir da maneira em que, digamos, uma qualidade precisa da suplementação de uma substância para existir. Ross não elabora o ponto, mas ele nota que a noção de substância em seu sentido primeiro significa aquilo que não é afirmado de um sujeito, mas do qual tudo o mais é afirmado. Sua ideia pode, então, ser a de que as substâncias são separadas no sentido de que elas podem existir sem um sujeito, ao passo que os acidentes não são separados no sentido de que eles precisam das substâncias como seus sujeitos para existir.⁴⁹

Em outra influente interpretação, as substâncias são separadas no sentido de que elas são independentes de outras coisas em seu *ser essencial* ou no que elas são. Chamemos essa alternativa de *interpretação da independência essencial*.⁵⁰ Alguns defensores dessa interpretação especificam que a separação da substância é o *correlato*

⁴⁸Ver, por exemplo, Corkum (2008, p. 72-76) e Bostock (1994, p. 57-60) para esse tipo de crítica.

⁴⁹Ver, por exemplo, Wedin (2000, p. 59-64) para outra maneira de abordar esse problema.

⁵⁰Os defensores incluem Dahl (2019, p. 72-74, 89), Peramatzis (2011, capítulo 1, p. 8-12), Spellman (1995, capítulo V), e Frede e Patzig (1988 II, ad 1028a33-34, ad 1029a27).

ontológico da separação quanto ao enunciado.⁵¹ Nessa interpretação, as formas são os paradigmas de substâncias separadas. Uma questão que surge aqui é por que Aristóteles critica que as Formas platônicas são concebidas como sendo separadas se, em sua própria concepção, as formas são também separadas. Alguns defensores dessa concepção explicam isso argumentando que as Formas platônicas e as formas aristotélicas não são separadas no mesmo sentido de “separado” e que apenas o tipo de separação da substância associado às Formas platônicas gera problemas. As Formas platônicas são concebidas como sendo separadas no sentido de serem existencialmente independentes das outras coisas (PERAMATZIS, 2011, p. 12-13, capítulo 9) ou no sentido de serem numericamente distintas das substâncias sensíveis (SPELLMAN, 1995, p. 1-3, capítulos I e V). Em contraste, as formas aristotélicas são separadas no sentido de serem independentes naquilo que elas essencialmente são. Outra questão para essa interpretação é por que, em algumas passagens, Aristóteles *prima facie* sustenta que as formas são separadas apenas quanto ao enunciado.

Phil Corkum (2008; 2013) rejeita tanto a interpretação da independência existencial quanto a interpretação da independência essencial. Ele sugere que as substâncias particulares são independentes em seu ser no sentido de que elas têm seu *status como um ser independentemente* das outras coisas. Em contraste, acidentes são seres apenas porque eles *inerem em* substâncias particulares e as assim chamadas substâncias universais, tais como o gênero animal e a espécie cavalo, são seres apenas porque elas são *ditas de* substâncias particulares. Essas entidades não são, assim, ontologicamente independentes das substâncias particulares.

OUTRAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS

(11) Há várias interpretações que não concebem a separação da substância em termos de uma independência de uma substância em seu *ser*, ou não a concebem apenas nesses termos. Mesmo que algumas dessas interpretações possam ser classificadas como variantes de algumas das interpretações que acabamos de notar, como a interpretação de Ross citada, faz também sentido classificá-las separadamente. A razão é que essas interpretações ‘mistas’ têm recursos diferentes dos das três interpretações já notadas para enfrentar os diferentes desafios interpretativos. Por exemplo, foi objetado que a interpretação da independência existencial é incapaz de explicar como as substâncias podem ser separadas de alguns dos seus atributos acidentais, como observado em (10) anteriormente. Pode-se argumentar que esse problema não surge para uma interpretação que compreende a noção de separação *também* em termos de

⁵¹Cf. Peramatzis (2011, p. 14, 204, 217s, 254s) e Spellman (1995, p. 86).

não ter um sujeito (*hupokeimenon*). Por exemplo, na interpretação padrão da independência existencial, parece que Sócrates não pode existir sem o atributo accidental da cor. Contudo, se assumirmos que, para uma substância, ser separada significa existir sem ter algo *como seu sujeito*, esse problema desaparece. Com efeito, Sócrates pode obviamente existir sem ter a cor como seu sujeito. Poder-se-ia falar aqui de *interpretações da independência do sujeito*. Existem, na verdade, várias interpretações que podem ser classificadas como tal. Por exemplo, Gill (1989, p. 34-38) sustenta que as substâncias compostas (mas não as formas) são separadas no sentido de que elas existem independentemente de um sujeito subjacente, e Enrico Berti (2012, p. 99-102) explica que as substâncias são separadas no sentido de que existem por si mesmas, por contraste a existir em um sujeito ou substrato. Outros defensores dessa abordagem metodológica incluem, por exemplo, Lucas Angioni (2012, p. 386-390), Ravi Sharma (2005, p. 154s) e em parte também Charlotte Witt (1989, p. 51-53, 127s, 140s, 146-148, 160).

Algumas interpretações enfatizam a relação entre separação e ser um particular (*kath' hekaston*) como algo numericamente distinto de outros particulares. Elas podem ser chamadas de *interpretações de distinção numérica*. Por exemplo, Donald Morrison (1985a, p. 127s, 138-144, 154s) desenvolve sua interpretação em particular a partir da afirmação de Aristóteles segundo a qual substâncias deveriam ser separadas da maneira que as coisas particulares são separadas.⁵² Ele argumenta que as substâncias particulares são separadas umas das outras no sentido de que elas não têm ou não constituem o mesmo substrato básico. Elas são, por isso, numericamente distintas umas das outras. Duas substâncias são numericamente uma e não são separadas uma da outra apenas no caso de terem ou de constituírem o mesmo substrato básico. Michael Loux (2008, p. 260-264), além disso, associa a noção de separação intimamente com a noção de um este-algo (*tode ti*). As substâncias particulares são um este-algo no sentido de que elas são particulares que caem sob alguma espécie e elas são separadas no sentido de que elas são distintas de todos os outros particulares. Além disso, alguns estudiosos enfatizam a relação entre as noções de separação e de ser uma entidade em virtude de si mesma (*kath' hautou*), por exemplo, Vasilis Politis (2004, p. 198-203) e Stephen Menn (texto não publicado, §Iβ4a). Ademais, Richard Dufour (1999) argumenta que as substâncias compostas são separadas no sentido de serem separadas umas das outras quanto ao lugar.

⁵²Cf., por exemplo, (T3).

INTERPRETAÇÕES UNÍVOCAS E EQUÍVOCAS

(12) Outro princípio complementar de classificação é distinguir entre o que pode ser chamado de interpretações *unívocas* e *equívocas*. Uma interpretação unívoca sustenta que Aristóteles fala de um único conceito de separação quando ele fala sobre *separação* como uma característica da substância. Uma interpretação equívoca sustenta que há diferentes conceitos ou tipos de separação da substância. Esse modo de classificação é útil por pelo menos duas razões. Ele leva em conta um notável desenvolvimento em direção a interpretações equívocas na literatura. E ademais ressalta um critério avaliativo que parece ter perdido força devido a esse desenvolvimento, a saber, que uma interpretação unívoca deveria – tudo o mais permanecendo inalterado – ser preferível a uma interpretação equívoca, uma vez que ela é mais simples. Entre as interpretações mais *abrangentes* de separação que foram defendidas em tempos mais recentes, apenas formas da interpretação da independência existencial são estritamente unívocas. A maioria dos tipos de interpretação são equívocas. Vários estudiosos sustentam que há dois tipos de separação da substância. Enquanto as formas são separadas quanto ao enunciado (o que é tomado aqui como sendo uma forma de separação da substância), a substância composta particular é separada em algum outro sentido ontológico. Por exemplo, foi sugerido que as substâncias compostas particulares são separadas no sentido de serem separadas de outras substâncias particulares quanto ao lugar ou no sentido de que elas existem independentemente de um sujeito.⁵³ Alguns defensores da interpretação da independência essencial sustentam que as formas aristotélicas e as Formas platônicas são separadas, cada uma delas, em um sentido diferente de separação. Por exemplo, enquanto as Formas platônicas são concebidas como sendo separadas no sentido de serem capazes de existir independentemente de outras coisas, as formas aristotélicas são concebidas como sendo separadas no sentido de serem independentes naquilo que elas são.⁵⁴ Outros estudiosos argumentam que existem ainda mais tipos de separação da substância.⁵⁵ Uma razão para esse desenvolvimento em direção a interpretações equívocas parece ser a dificuldade de encontrar um sentido de separação que se aplique tanto às substâncias compostas quanto às formas.⁵⁶ Essa dificuldade envolve o problema da separação das formas notado anteriormente. Outra razão parece ser a estreita associação entre separação e prioridade ontológica.

⁵³Cf., por exemplo, Dufour (1999), Gill (1989), Morrison (1985a).

⁵⁴Cf. Peramatzis (2011) e Spellman (1995).

⁵⁵Cf. Corkum (2008) e Katz (2017).

⁵⁶Cf. aqui, por exemplo, Dufour (1999, p. 47-50), Spellman (1995, p. 93-95) e Morrison (1985a, p. 125s, 154s).

Aristóteles distingue diferentes tipos de relações ontológicas assimétricas, por exemplo, diferentes tipos de predicacões, os quais podem ser tomados como dando origem a diferentes tipos de prioridade ontológica e, assim, a diferentes tipos de separação.^{57, 58}

REFERÊNCIAS

ANGIONI, L. *As noções aristotélicas de substância e essência*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

BARNES, J. (ed.). *Aristotle: the complete works*. New Jersey: Princeton University Press, 1995. v. I e II.

BERTI, E. *Estrutura e significado da Metafísica de Aristóteles*. Coleção Filosófica, traduzido do italiano para o português por J. Bortolini. São Paulo: Paulus, 2012.

BOSTOCK, D. *Aristotle - Metaphysics: books Z and H*. Translation with commentary, Oxford: Clarendon Press, 1994.

COHEN, S. M.; REEVE, C. D. C. Aristotle's Metaphysics. In: EDWARD, N. Z. (ed.). The Stanford encyclopedia of Philosophy. Winter 2020 Edition, URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/win2020/entries/aristotle-metaphysics/>>.

CORKUM, P. This. *Ancient Philosophy Today*: Dialogoi 1.1, p. 38-63, 2019.

CORKUM, P. Substance and independence in Aristotle. In: SCHNIEDER, B.; STEINBERG, A.; HOELTJE, M. (eds.). *Varieties of dependence: ontological dependence, supervenience, and response-dependence*. Munich: Basic Philosophical Concept Series. Philosophia Verlag, 2013. p. 36-67.

CORKUM, P. Aristotle on ontological dependence. *Phronesis*, v. 53, p. 65-92, 2008.

DAHL, N. *Substance in Aristotle's Metaphysics Z*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

⁵⁷Cf., por exemplo, Katz (2017, p. 27, 31-40) e Corkum (2008, p. 75-82).

⁵⁸Agradeço a Barbara Sattler e Sarah Broadie por seus úteis comentários sobre uma versão preliminar deste artigo, bem como aos participantes do seminário do grupo de filosofia antiga na UFRGS (em 2021), em particular a Raphael Zillig. Agradeço a Wellington Damasceno de Almeida e aos demais participantes do Workshop on Aristotle's *Metaphysics* na UFG em dezembro 2019, onde apresentei partes deste artigo, por todos seus úteis comentários. Sou grato a Renan Stoll, por seu grande apoio com a tradução deste artigo do inglês para o português. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001. Agradeço à CAPES pelo seu generoso apoio financeiro durante o tempo em que estive escrevendo este artigo como bolsista de pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil.

- DUFOUR, R. La Séparation chez Aristote. *Les Études Philosophiques*, v.1, p. 47-65, 1999.
- FINE, G. Separation. *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, v. II, p. 31-87, 1984.
- FINE, K. Ontological dependence. *Proceedings of the Aristotelian Society*, New Series, v. 95, p. 269-290, 1995.
- FREDE, M.; PATZIG, G. *Aristoteles - Metaphysik Z: Text, Übersetzung und Kommentar*. Band I. und II. München: C. H. Beck Verlag, 1988.
- GILL, M. L. *Aristotle on substance: the paradox of unity*. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- HARTE, V. What's a particular and what makes it so? Some thoughts, mainly about Aristotle. In: SHARPLES, R. W. (ed.). *Philosophia Antiqua: a series of studies on Ancient Philosophy*. Leiden/Boston: Brill, 2010. v. 120, p. 97-125.
- KATZ, E. Ontological separation in Aristotle's Metaphysics. *Phronesis*, v. 62, p. 26-68, 2017.
- KIRWAN, C. *Aristotle - Metaphysics: books Γ, Δ, E*. Translation with notes. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- LOUX, M. J. *Primary ousia: an essay on Aristotle's Metaphysics Z and H*. Ithaca/London: Cornell University Press, 2008.
- MENN, S. *The aim and the argument of Aristotle's Metaphysics*. Manuscrito. Disponível em: <https://www.philosophie.hu-berlin.de/de/lehrebereiche/antike/mitarbeiter/menn/contents>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- MILLER, F. D. Aristotle on the separability of mind. In: SHIELDS, C. (ed.). *The Oxford handbook of Aristotle*. Oxford: OUP, 2012. p. 306-339.
- MORRISON, D. Separation in Aristotle's Metaphysics. *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, v. III, p. 125-157, 1985a.
- MORRISON, D. Χωριστός in Aristotle. *Harvard Studies in Classical Philosophy*, v. 89, p. 89-105, 1985b.
- PERAMATZIS, M. *Priority in Aristotle's Metaphysics*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- POLITIS, V. *Routledge philosophy guidebook to Aristotle and the Metaphysics*. New York: Routledge, 2004.
- ROSS, W. D. *Aristotle's Metaphysics: a revised text with introduction and commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1924. v. I e II.
- SATTLER, W. Aristotle on substance as primary in time. *Phronesis*, v. 66, p. 274-293, 2021.